



**INDEXAÇÃO SOCIAL DE GÊNERO E SEXUALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AOS ESTUDOS BRASILEIROS**

**SOCIAL INDEXATION OF GENDER AND SEXUALITY:
CONTRIBUTIONS TO BRAZILIAN STUDIES**

Dany Thomaz Gonçalves¹

Christina Abreu Gomes²

RESUMO:

Este artigo aborda a questão da indexação social da sexualidade. O artigo apresenta uma revisão de estudos, com base em dados de falantes do PB, que focalizam especificamente a identidade de gênero gay masculino e que compõem o estado da arte sobre o tema até o momento, abordando aspectos característicos da fala de homossexuais brasileiros a partir de duas perspectivas: (i) a construção de dicionários com “dialetos” de grupos LGBTQ+ e (ii) características que indexam o pertencimento a um grupo especificamente LGBTQ+ a partir de pistas fonológicas/acústicas, morfológicas e sintáticas. São também apresentados resultados do estudo piloto de Gonçalves (2019) sobre a variabilidade da produção da coda (s) em homens homossexuais e heterossexuais com o objetivo de verificar sua relação com a indexação social da orientação sexual dos dois grupos.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Indexação Social; Sexualidade.

1 Doutorando Departamento de Linguística/Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: danytrue@gmail.com.

2 Professora Titular Departamento de Linguística e Filologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: christina-gomes@uol.com.br.



ABSTRACT:

This article addresses the issue of the social indexation of sexuality. The article presents a review of studies, based on data from PB speakers, that specifically focus on male gay gender identity and that make up the state of the art on the subject so far, addressing characteristic aspects of the speech of Brazilian gay men from two perspectives: (i) the construction of dictionaries with “dialects” of LGBT + groups and (ii) characteristics that index the belonging to a specifically LGBT + group based on phonological/acoustic, morphological and syntactic clues. Results of Gonçalves pilot study (2019) on the variability of the production of coda (s) in homosexual and heterosexual men are also presented in order to verify its relationship with the social indexing of the sexual orientation of the two groups.

KEYWORDS: Variation; Social Indexation; Sexuality.

Introdução

Desde meados dos anos 1960, muito se tem avançado nos estudos da Linguística, sobretudo na Sociolinguística, com relação ao significado social das formas linguísticas. A indexação de características sociais dos falantes como idade, classe social, etnia etc., tem sido objeto de pesquisa desde o estudo seminal de Labov, sobre o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard. Labov (1963) analisou o comportamento dos falantes em função do significado social das variáveis [ay] e [aw], a partir de fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude. Os resultados obtidos mostraram que os padrões de uso das variantes expressam diferentes atitudes dos habitantes da ilha, aqueles mais engajados na economia local tradicional, voltada para a pesca, e, portanto, mais conservadores em relação à manutenção de uma identidade local, e aqueles direcionados à movimentação econômica com base no turismo, como uma oportunidade de crescimento, e, portanto, mais permeáveis à influência de padrões linguísticos do inglês do continente. Desde então, as pesquisas sobre variação e mudança linguística, com base em dados de produção, coletados de amostras de fala espontânea, têm buscado identificar o significado social das variantes com base em características macrosociais dos falantes, que são utilizadas na estratificação dessas amostras, como idade, sexo, classe social, etnia. O significado social, conforme Eckert e Labov (2017, p. 5), é construído a partir da interação entre falante e ouvinte, portanto, “evidências de significado social, em última análise, devem ser buscadas reunindo dados sobre produção e percepção”.³

Especificamente, o sexo do falante é uma variável demográfica amplamente utilizada na estratificação de amostras de comunidades de fala. A correlação entre variantes e a variável sexo permite identificar valores sociais associados ao papel de homens e mulheres em uma determinada sociedade, o que já é significativo no sentido de que a questão de identidade de gênero não deve ser tratada de forma independente da estrutura social. No entanto, a abordagem

3 “evidence of social meaning ultimately must be sought by bringing together data on production and perception.” (ECKERT e LABOV, 2017, p. 5).

estritamente baseada na dicotomia homens e mulheres não permite capturar mais diretamente aspectos de identidades de sexualidade/gênero. Assim, para além da configuração de amostras de fala, a questão do gênero tem se tornado central em pesquisas sociolinguísticas. No Brasil, pesquisas recentes, como as de Barbuio (2016), Oliveira (2017), Santana (2018) e Ribeiro (2020), têm abordado a relação entre variação e identidade de gênero com base em dados de percepção de variantes que podem ser indexadoras de sexualidade. Uma vez que essa área é relativamente recente na pesquisa sociolinguística desenvolvida no Brasil, neste artigo, trazemos uma revisão da literatura, mostrando as diferentes tendências de estudos acerca da indexação social de sexualidade com falantes brasileiros, realizados nas últimas duas décadas, e resultados preliminares de uma análise piloto de dados de produção de falantes hetero e gays, relativa à duração da fricativa (s) em coda (GONÇALVES, 2019).

Os estudos sobre a expressão linguística da indexação de orientação sexual começaram a ser desenvolvidos principalmente sobre falantes de língua inglesa. Kulick (2000) apresenta uma revisão da literatura até aquele momento, mostrando que os primeiros estudos dentro desta temática focalizaram aspectos do uso de itens lexicais específicos. Por outro lado, as pesquisas desenvolvidas ao longo do século XXI têm tratado da relação entre forma linguística e identidade sexual com base, principalmente, em aspectos fonéticos, fonológicos e prosódicos. A partir de uma ordem cronológica, os primeiros trabalhos, iniciados na década de 1940, realizados por pesquisadores majoritariamente americanos, consistiram na compilação de dicionários ou de etimologia de palavras únicas presentes na fala de gays e lésbicas, estudadas com base em pressupostos teóricos e métodos de disciplinas como a Antropologia e a Filologia.

A criação desses vocabulários específicos por um determinado grupo minoritário de orientação sexual diferente da heterossexual se situa como forma de posicionamento e marcação de uma identidade própria, em oposição à repressão e repúdio que o grupo LGBTQ+ sofria desde então, o que Sonenschein (1969) explicaria como uma tentativa de reforçar a harmonia do grupo, refletindo seus interesses, problemas e necessidade em comum.

Em um segundo momento, as pesquisas tiveram como objeto de estudo o discurso de gays e lésbicas (HAYES, 1976), a etnografia presente nos aspectos definidores dos lugares sociais desses dois grupos (PONTE, 1974), o significado de fenômenos paralinguísticos, como a postura corporal e o olhar (WEBBINK, 1981), e a alternância de códigos entre gays (LUMBY, 1976).

Apesar de todo esse conjunto de estudos envolvendo a linguagem e a orientação sexual/sexualidade de falantes, a maioria dos trabalhos era proveniente do campo da retórica (CHESEBRO, 1981; RINGER, 1994). É somente, em 1995, que William Leap reúne artigos com o intuito de organizar um livro chamado *Beyond the Lavender Lexicon*, que visa o estudo de linguagem e sexualidade no campo da Linguística.

Os estudos que se seguem, a partir do final da década de 1990, mostram que é algo bastante comum, na sociedade, que a percepção da sexualidade de uma pessoa se baseie em aspectos de sua própria fala. Assim, sinais acústicos presentes na fala indexam grupos sociais dos quais os indivíduos participam, e, podem, portanto, oferecer sinais sobre a orientação sexual dos falantes.

Conforme as pesquisas sociolinguísticas foram ganhando força com temáticas voltadas às características de fala que podem indexar gênero e/ou sexualidade, verificou-se uma tendência a partir de uma nova perspectiva em relação aos processos de construção de identidade que compõem o indivíduo e as suas implicações para a construção dos grupos sociais e da sociedade. Assim, investigar a percepção e as características linguísticas presentes na fala de grupos específicos de homens e mulheres gays se soma ao conjunto de questões fundamentais atuais da Sociolinguística no que diz respeito ao significado social da variação.

No Brasil, essas pesquisas parecem proliferar a partir do momento em que os direitos do público LGBT+ começam a ser postos em prática, consoante ao momento em que a homossexualidade deixa de ser considerada como uma doença, na década de 90, perante a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Estudos sobre a indexação social de homens homossexuais falantes do PB

Poucos ainda são os estudos com falantes do português brasileiro que tratam da relação entre língua e orientação sexual. Essa seção apresenta a trajetória de pesquisas com dados do PB que analisam características de homens homossexuais brasileiros, como (i) a construção de dicionários com “dialetos” de grupos LGBT+ e (ii) características que indexam o pertencimento a um grupo especificamente, transparecendo a indexação social de sexualidade a partir de pistas fonológicas/acústicas, morfológicas e sintáticas.

A lexicografia de dialetos LGBT+

Assim como os estudos de língua inglesa, existem trabalhos mapeando e descrevendo aspectos concernentes a glossários/dicionários de palavras utilizadas por comunidades de práticas LGBT+.

A primeira obra brasileira sobre gírias LGBT+ de que se tem registro é *O Diálogo de Bonecas* (1992) - o primeiro Dicionário de Bajubá das Travestis – que foi idealizado por Jovanna Cardoso da Silva. Segundo o prefácio da obra, o bajubá (ou pajubá) é um dialeto criado pelas travestis da prostituição para se defenderem dos ataques sofridos. Indo um pouco mais além, Fry (1982) e Vip e Libi (2006) afirmam que o dialeto tem origem africana. Como as religiões cristãs não aceitavam os homossexuais, aqueles que sentiam a necessidade de seguir uma religião procuravam pelo candomblé – religião de matriz africana que desde

sempre estava aberta a qualquer pessoa independentemente de sexualidade. Nos cultos, as línguas utilizadas pelas nações de candomblé eram a nagô e o iorubá. Assim, com base na prática linguística do candomblé, os homossexuais criaram um código para ser utilizado entre eles. Silva Filho (2010, p. 4), define o Bajubá como a incorporação de palavras de línguas distintas, advindas de fontes como o Iorubá-Nagô, francês e inglês, e também como um elemento na construção da identidade gay. Usada inicialmente por travestis, o bajubá acabou se expandindo para todo o grupo LGBTQ+, gerando uma série de incorporações e ressignificações.

Alguns anos após a organização de *O diálogo das bonecas*, segundo o site do Jornal Folha de S. Paulo⁴, foram lançados dois outros dicionários: o “*Guia Brasileiro de Gays e Lésbicas*”, em 1995, escrito por Raimundo Pereira, vice-presidente do Atobá - Movimento de Emancipação Homossexual, e o “*Bichonário*”, em 1997, pelo jornalista baiano Orocil Pedreira Santos Jr. Apesar da existência desses glossários, não há evidências de pesquisas acadêmicas que os tenham como objeto de estudo.

Voltando ao bajubá/pajubá, é possível identificar outros autores que verificaram diversas características importantes à descrição da fala gay. Peres (2017), a partir de perguntas abertas, analisa o uso e a apropriação de determinadas características do bajubá a partir da construção de uma identidade homossexual. Para tanto, a autora entrevistou 12 sujeitos LGBTQ+ (6 residentes em Belém/PA e 6 residentes em Jaraguá/RS). Um dos objetivos da pesquisadora foi obter informações acerca de palavras oriundas do bajubá utilizadas no cotidiano pelos entrevistados. As respostas obtidas permitiram verificar que há diferença regional em relação ao significado das palavras do bajubá conforme a origem dos falantes. Segundo Peres (2017, p.36) “o bajubá muda segundo os contextos sociais aos quais está ligado” de forma que, em Belém/PA, existem palavras diferentes ou com significados diferentes de Jaraguá/RS.

Seguindo com “os conceitos dos pajubás”, Silva e Santos (2017) buscam mostrar um pouco da interface entre os estudos de gênero e a diversidade da língua dentro e fora da comunidade LGBTQ+. Assim, considerando a interseção entre léxico e conceptualização, os autores analisaram o significado de alguns itens lexicais mais frequentes na fala de pessoas transexuais, como *atender*, *barbie*, *bofe*, *boneca*, entre outros, observando as nuances ou diferenças semânticas em grupos com diferentes orientações sexuais. Em suma, os autores chegaram à conclusão de que algumas palavras, quando usadas por pessoas LGBTQ+ com um determinado fim, podem exprimir um novo conceito. Como um exemplo de nome utilizado com significado distinto entre grupo com diferentes orientações sexuais, Silva e Santos (2017) fazem uso da palavra *Barbie*. Referindo-se ao sentido conhecido por senso comum, *Barbie*

4 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/08/ilustrada/18.html>

é o nome de uma boneca, entretanto, quando utilizado por pessoas gays, significa “Homem homossexual malhado e afeminado” (SILVA; SANTOS, 2017, p. 37).

Além dos estudos anteriormente citados, o bichês⁵ também foi analisado por uma perspectiva da Análise do Discurso. Moura (2018) analisa o bajubá a partir do dicionário “*Aurélia, a dicionária da língua afiada*”. Aurélia é conhecido como o primeiro dicionário LGBTQ+ de grande extensão, publicado no Brasil, mais especificamente em 2006, por Angelo Vip e Fred Libi (VIP; LIBI, 2006). A dicionária é composta em sua maior parte por verbetes oriundos do bajubá. Segundo Vip, em entrevista à Folha de São Paulo, em 29/06/2006, as travestis são as responsáveis por uma parte significativa do léxico que compõe o dicionário. Atendo-nos à pesquisa de Moura (2018), é possível verificar a materialidade que constitui o Aurélia como elemento discursivo. Portanto, a partir da análise do verbal e do não verbal, o autor analisa como palavras e expressões promovem uma questão identitária para a comunidade LGBTQ+. Conforme Moura (2018, p. 133), “o Aurélia é um exemplo de instrumento macarrônico em que trabalha a memória da prática LGBTQ+, mas também traz o caricato, o burlesco, o pouco sério”.

Além de Aurélia, outro grupo de palavras que convém mencionar é o de jargões LGBTQ+ utilizados pelas *drag queens* participantes do reality show *RuPaul’s Drag Race* (RPDR). Braga Jr. (2020) analisa a ocorrência de gírias LGBTQ+ americanas e o uso de suas possíveis traduções na sociedade LGBTQ+ brasileira. Assim, partindo da análise de traduções de palavras como *bitch* e *girl*, o autor tinha por objetivo (i) dissertar sobre o processo de *fansubbing*⁶, traçando um paralelo com a legendagem dentro da Tradução Audiovisual; (ii) definir as complexidades narrativas do gênero *reality show*; (iii) analisar o jargão LGBTQ, usando ferramentas da Linguística de *corpus*, de modo a evidenciar a necessidade de inclusão de termos LGBTQs no dicionário eletrônico *Linguee*; e (iv) destacar a importância de uma atualização do dicionário LGBTQ *Aurélia* (SCIPPE; LIBI, 2006). Inicialmente, Braga Jr. buscou apenas encontrar o uso de termos advindos do pajubá na tradução, por meio da busca de itens lexicais do jargão LGBTQ+, já catalogado, ao traduzir as cenas escolhidas. No entanto, não foram encontrados sinais do pajubá na tradução, porém, como resultado, verificou-se a existência de contribuições importantes para alimentação do dicionário eletrônico *Linguee* e uma possível atualização do *Aurélia*.

No geral, esses trabalhos acerca de glossários e dicionários LGBTQ+ mostram que algumas palavras e expressões podem ser empregadas para sinalizar e marcar identidade pessoal, ou mesmo de grupo. Além disso, durante tempos, certas palavras e expressões foram utilizadas por homossexuais para protegê-los na busca por parceiros, assim como para ocultar sua orientação

5 Termo utilizado por Lau (2017) para referir-se ao bajubá.

6 Fansubbing é a legendagem feita por fãs. (BRAGA JR., 2020).

sexual em um ambiente que não os aprovava. Em uma perspectiva mais voltada a pertencimento de grupos, a seguir, serão revistos alguns trabalhos sobre indexação linguística de sexualidade com base em aspectos prosódicos, morfológicos e morfossintáticos.

Indexação social da sexualidade e pistas acústicas e morfossintáticas

Outras pesquisas, no entanto, buscaram analisar a fala de pessoas LGBTQ+ além da lexicografia, como proposto nos trabalhos supracitados. Uma das primeiras pesquisas a fornecer informações acerca de características prosódicas que pudessem indexar sexualidade, chamadas pelo autor como marcas prosódicas do estilo afeminado, na fala de homens gays brasileiros foi a de Moraes (1997). Em suma, neste estudo, o autor prevê que, numa fala afeminada, é possível verificar uma elevação da frequência fundamental (F0)⁷ em sílabas pretônicas, compressão temporal de sílabas átonas e extensão das tônicas finais.

Após um hiato de mais de uma década em relação ao trabalho de Moraes, Mendes (2012) entrevistou em torno de 100 paulistanos a quem perguntava logo de início ‘o que chama a sua atenção, quando você ouve um homem falando, que te leva a pensar que ele seja gay?’. Em seguida, apresentou aos informantes cinco leituras de um mesmo trecho feitas por cinco homens diferentes e pediu que os entrevistados dessem nota a partir de uma escala de cinco pontos, sendo a nota 1 para a leitura que soasse “menos gay” e a nota 5 para a leitura que soasse “mais gay”. Após essa tarefa, os participantes deveriam justificar o porquê de atribuírem tal nota àquela leitura. Na reunião das respostas, o autor identificou que os ouvintes atribuíram o uso de diminutivos em demasia a fala de homens gays assim como as mulheres o fazem. A partir desta resposta, Mendes se propõe a analisar, a partir de novas entrevistas, a frequência de uso dos diminutivos na fala de indivíduos de diferentes orientações sexuais. Como resultado final, o autor percebe uma forte correlação entre categorias de sexo/gênero, considerando que na fala de homens heterossexuais e algumas mulheres lésbicas há menor incidência do uso de nomes com os sufixos -inho/-inha. Para o autor, a frequência de uso desses sufixos caracterizaria, então, a fala gay masculina e de mulheres.

Posteriormente, a partir de um comentário metalinguístico que um dos participantes de sua pesquisa de 2017 fez de que “gay fala certinho”, para justificar o uso de concordância de número, Mendes (2018) analisa o efeito das variantes de Concordância Nominal (as meninas (CNp) e as menina (CNØ)) na percepção de quatro rapazes paulistanos. O objetivo principal foi verificar se esses quatro rapazes soam menos masculinos (ou mais efeminados) diante de CNp e mais masculinos (ou pouco ou nada efeminados) diante de CNØ. A partir da técnica de *matched guise*⁸ (LAMBERT et. al., 1960), foram criados quatro grupos de estímulos. Cada grupo foi

7 F0 ou Frequência Fundamental é o termo utilizado para descrever a frequência da vibração das pregas vocais. (CRISTÓFARO SILVA et al., 2019).

8 Matched-guise é uma técnica utilizada em testes de testes de percepção da variação que consiste na apresentação de estímulos gravados por uma mesma pessoa porém com características de variantes específicas avaliadas, apresentadas de forma a induzir.

apresentado a 25 pessoas diferentes, totalizando 100 participantes na pesquisa.

Após a escuta de seu grupo de estímulos, os participantes deveriam responder a um formulário de percepção (Figura 1), que tem como principal objetivo responder a escala de efeminidade (na fala masculina), situada na parte superior do formulário de percepção (Esse cara parece...), e a indexação de outros elementos perceptuais.

Figura 1 – Formulário de Percepção

Esse cara parece...

nada escolarizado	<input type="radio"/>	muito escolarizado					
nada amigável	<input type="radio"/>	muito amigável					
nada efeminado	<input type="radio"/>	muito efeminado					
nada formal	<input type="radio"/>	muito formal					
nada inteligente	<input type="radio"/>	muito inteligente					
ser de classe baixa	<input type="radio"/>	ser de classe alta					

Você acha que ele é... (assinale todas que achar pertinente)

<input type="radio"/> Tímido	<input type="radio"/> Trabalhador	<input type="radio"/> Mimado
<input type="radio"/> Descolado	<input type="radio"/> Desonesto	<input type="radio"/> Conservador
<input type="radio"/> Religioso	<input type="radio"/> Solidário	<input type="radio"/> Caipira
<input type="radio"/> Ligado à família	<input type="radio"/> Preguiçoso	<input type="radio"/> Nerd
<input type="radio"/> Articulado	<input type="radio"/> Mal-educado	<input type="radio"/> Sofisticado
<input type="radio"/> Irritante	<input type="radio"/> Engraçado	<input type="radio"/> Independente
<input type="radio"/> Metido	<input type="radio"/> Desencanado	<input type="radio"/> Mauricinho
<input type="radio"/> Seguro de si	<input type="radio"/> Sincero	<input type="radio"/> outros
<input type="radio"/> Simples	<input type="radio"/> Gay	

Fonte: Mendes, 2018

Conforme os resultados obtidos, o autor salienta que, a partir do ponto de vista da escala de efeminidade, todos os quatro rapazes foram percebidos como homens que soam mais efeminados diante de CNp e menos efeminados diante do CNØ. Além disso, a característica gay foi assinalada menos vezes diante de CNØ e mais vezes diante de CNp, tanto por participantes do sexo feminino quanto masculino. Segundo Mendes,

considerando-se que a variável (CN) funciona, antes de mais nada, como um estereótipo de escolaridade e classe, bem como o fato de que os homens que participaram do experimento foram mais “rigorosos” na percepção dos quatro rapazes – tanto no que concerne à escala de efeminidade (...), quanto no que diz respeito ao padrão de assinalamento da característica gay – o conjunto de resultados desse experimento pode ser interpretado como indicativo de que CNØ pode funcionar como um recurso na construção de personae masculinas estereotipadas. (MENDES, 2018, p. 78)

Essa conclusão nos mostra o que muitos trabalhos anteriores, tanto em língua inglesa como em língua portuguesa, têm verificado: é necessário obter mais indícios para relacionar uma característica como indexadora de uma “fala gay” ou uma “fala efeminada”.

Um trabalho com uma temática parecida com o de Mendes (2012) foi o de Felix (2016). Segundo o autor, o uso do superlativo sintético no português brasileiro poderia estar associado à fala de homens gays, configurando uma característica real ou indexadora de um falar gay. Com o objetivo de verificar se a ocorrência de adjetivos superlativos sintéticos se dá com maior número na fala de homens gays do que na fala de homens heterossexuais, o autor analisou

dados coletados de amostras de fala de 24 informantes gays da cidade de Ribeirão Preto. Como resultado, foi verificado que o uso dos adjetivos por gays não se dá com tanta frequência como o estereótipo prevê. Contudo, quando comparados aos dados do grupo controle (com falantes heterossexuais), nota-se uma diferença sutil no uso desses superlativos. A partir dessa comparação, o autor destaca uma possibilidade de afirmar que essa seja uma característica marcante na fala de homossexuais masculinos.

Até o momento, o único trabalho com dados do português brasileiro mais abrangente acerca da “fala gay” é o de Barbuio (2016). O autor constituiu dois grupos, reunindo 14 informantes da cidade de Recife-PE. No primeiro grupo, foram investigados 7 indivíduos, que se autodeclararam gays; no segundo, os outros 7, autodeclarados heterossexuais. Para melhor compreender as características fonéticas, o registro em áudio da voz desses homens foi submetido a testes de percepção e, posteriormente, julgado por ouvintes juizes leigos. Esses juizes foram alocados em três grupos: um grupo formado por 25 homens gays, um grupo formado por 25 homens heterossexuais e outro formado exclusivamente por 25 mulheres, cujas orientações sexuais nos são desconhecidas. Outro objetivo foi verificar o grau de eficiência de cada um desses três diferentes grupos de juizes avaliadores, para identificar a orientação sexual dos 14 informantes, subdivididos nos dois grupos. Barbuio também encontrou diferenças significativas na duração das sete vogais orais tônicas, /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/, /u/, produzidas pelos informantes gays, principalmente nas vogais médias anteriores /e/ e /ɛ/ e na baixa central /a/, em relação à duração desses mesmos segmentos, produzidos por falantes heterossexuais (homens?). Diferenças, também, foram encontradas na duração da fricativa /s/ em posição de coda em final de palavra, sendo as produções do grupo de homens gays mais longas que a dos heterossexuais.

Com relação aos formantes das vogais, as médias de produção do primeiro formante (F1) e do segundo formante (F2)⁹ dos homens gays foram consideravelmente mais altas que as dos heterossexuais em todas as vogais, especialmente com relação aos valores de /i/, /ɛ/, /e/ e /a/. Médias consideravelmente maiores de variabilidade do *pitch* dos informantes gays também foram verificadas. Na maioria dos aspectos, as médias dos informantes homossexuais brasileiros utilizados na pesquisa aproximaram-se mais das médias dos informantes gays participantes de pesquisas em língua inglesa do que das médias apresentadas pelos informantes heterossexuais brasileiros.

Um dos trabalhos mais inovadores talvez seja o de Oliveira (2017) sobre a variação articulatória em Libras (Língua brasileira de sinais) e a orientação sexual do surdo. Este trabalho teve como propósitos a criação de um *corpus* linguístico com registro de sinalização de surdos gays e heterossexuais e a análise da percepção linguística de surdos e ouvintes fluentes

⁹ Os formantes referem-se às ressonâncias reforçadas por um filtro acústico (cavidade oral ou nasal) na produção dos sons da fala. F1 refere-se à altura da língua na produção das vogais e F2, ao avanço/recuo da língua. (CRISTÓFARO SILVA et al., 2019).

em Libras sobre estímulos linguísticos. O autor definiu os seguintes objetivos específicos pertinentes ao estudo de percepção: a) verificar como a característica de feminilidade é identificada no *corpus*; b) refletir se existe diferença na avaliação de feminilidade entre homens gays e homens heterossexuais; c) verificar se a orientação sexual gay do surdo é percebida a partir do estímulo produzido pelo sistema de captura de movimentos; d) observar a existência de diferença de percepção entre surdos e ouvintes fluentes em Libras sobre a sinalização de surdos gays e heterossexuais e, por fim, e) examinar a possível correlação entre a percepção de aspectos fonético-fonológicos da Libras e a percepção de características sociais da sinalização das amostras de surdos gays e heterossexuais.

Os resultados obtidos por Oliveira (2017) mostraram que a pergunta do questionário de percepção sobre feminilidade foi respondida em todos os níveis (de 1 a 4) da escala de resposta, ao menos uma vez para todos os sujeitos avaliados, ou seja, a todos os sujeitos foi atribuída a característica de feminilidade pelo menos por um participante avaliador. Além disso, os dados mostraram que os sujeitos gays foram percebidos como mais femininos do que os heterossexuais, e a diferença na percepção foi estatisticamente significativa. Quanto à percepção do estímulo, a opção de resposta “gay” foi assinalada por apenas 8 dos 32 participantes do teste de percepção, sendo 5 para sujeitos gays e 3 para sujeitos heterossexuais. Estes dados mostraram que não se trata de uma diferença significativa para esta variável. Por último, sobre a discrepância de percepção entre surdos e ouvintes fluentes em Libras, os dados mostraram que não há diferença estatisticamente significativa entre as avaliações de feminilidade e da orientação sexual (gay) desses participantes.

O trabalho de Santana (2018) “Variação de gênero gramatical¹⁰ como indexador de identidade gay” teve por objetivos: a) verificar a existência da variável gênero em predicação na linguagem gay; b) identificar contextos linguísticos e/ou extralinguísticos que atuam no uso de cada forma variante; c) analisar se há significado(s) estilístico(s) associado(s) à variável linguística em questão e d) discutir a relação entre a variável gênero gramatical em predicação e a identidade gay. Quanto à metodologia, a pesquisa envolveu o preenchimento de uma ficha social dos informantes, entrevistas sociolinguísticas e testes de atitude. A amostra contou com doze entrevistas com homens autoidentificados como homossexuais (seis deles com idade entre 18 e 30 anos e seis com idade acima de 35 anos), sendo seis deles parte do ciclo de amigos do entrevistador e os outros seis desconhecidos dele, residentes no estado de Santa Catarina ou no Rio Grande do Sul.

Em síntese, os resultados da pesquisa apontaram que as três variáveis independentes externas possuem ligação direta com o fenômeno analisado, sendo elas: (i) a faixa etária dos sujeitos, já que a variação de gênero gramatical se caracteriza apenas nos indivíduos mais jovens;

10 Considera-se nesta pesquisa como variação do gênero gramatical o uso de frases como: Eu estou cansadA para homens cis homossexuais em vez de Eu estou cansadO.

(ii) o grau de formalidade da situação interativa, visto que a marcação de gênero feminino é usada em situações de informalidade; e (iii) o grau de proximidade entre interlocutores, sendo que a variação de gênero gramatical somente ocorre na interação entre indivíduos do mesmo ciclo de amizade. Segundo o autor, a partir dos dados analisados, o uso do gênero gramatical feminino em predicação representa, aliado ao uso de outros signos sociais e linguísticos, a projeção da *persona* gay dos indivíduos, ou seja, uma das diferentes personalidades que compõem a sua identidade.

Finalmente, o estudo de Ribeiro (2020) analisa, a partir de quatro entrevistas realizadas em duplas com um total de oito sujeitos – 4 mulheres autodeclaradas lésbicas e 4 homens autodeclarados gays, a fala desses grupos como um possível marcador de identidade. Os sujeitos da pesquisa foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: ser natural do Rio Grande do Sul, com faixa etária entre 20 e 40 anos e nível de escolaridade entre superior incompleto e completo. Os dados dessas entrevistas foram levantados seguindo critérios específicos que visavam a interação, a intimidade e a informalidade. Foi observado que os sujeitos da pesquisa possuem a percepção de que não há apenas uma identidade relacionada a gays e lésbicas; a maioria das duplas mencionou sentir-se confortável em demonstrar sua(s) identidade(s) perto de outras pessoas LGBT+, ou com quem tenha mais intimidade, ou ainda em lugares conhecidos e LGBT+ *friendly*. No geral, todos eles consideraram que a fala pode funcionar como um marcador de estilo e identidade LGBT e, também, concordaram com a existência de usos linguísticos característicos de gays e de lésbicas.

Como vimos, trabalhos concernentes à indexação social de sexualidade vêm sendo produzidos em âmbito nacional. Esse movimento de crescimento de trabalhos dentro desta temática, no âmbito dos estudos linguísticos, tem como consequência importante a reafirmação do lugar de fala de grupos minoritários. Trabalhar o significado social da sexualidade a partir de características que indexam determinadas sexualidades é um grande avanço para a Linguística, sobretudo para a Sociolinguística. A seção a seguir, apresenta os resultados preliminares de uma análise piloto conduzida no âmbito do projeto de Gonçalves (2019).

Indexação social da sexualidade de falantes gays cariocas

Buscando contribuir para as questões de indexação social de identidade gay, Gonçalves (2019) propõe observar a produção e a percepção de falantes cariocas em função de características linguísticas relacionadas à duração da fricativa (s) em coda, a duração da vogal em sílaba tônica e valores de *pitch*, buscando contribuir com evidências para as questões em torno da indexação da identidade sexual dos falantes. O trabalho procura avançar os resultados obtidos em Barbuio (2016) por uma perspectiva diferente com relação a incorporação da análise de dados de produção de fala espontânea ao estudo de percepção, levando em consideração que Barbuio (2016) analisou a produção de (s) em coda obtida a partir de falas controladas pela leitura de

um trecho de um texto.

A análise de dados de produção tem por objetivo verificar se a fricativa, quando em posição de coda, e vogais em sílaba tônica têm duração maior na fala de homens gays que na dos heterossexuais. O estudo de percepção tem por objetivo investigar se três características acústicas/prosódicas - (i) fricativas mais longas nas codas; (ii) vogais orais tônicas mais longas, e; (iii) valores mais altos de *pitch* - soariam gay.

A duração da coda (s) tem sido observada em estudos de produção e percepção sobre homens homossexuais. Crist (1997), Linville (1998) e Levon (2006) têm mostrado que há correlação entre duração da fricativa em coda entre os dois grupos, de maneira que tem sido observado que os falantes gays apresentaram, na sua produção, fricativas mais longas que os falantes heterossexuais e que essa diferença tem sido utilizada na percepção da orientação sexual desses grupos.

Também, diversos estudos têm mostrado que o detalhe fonético é parte integrante do conhecimento linguístico dos falantes e que esse conhecimento, incluído o da variação sociolinguística, é utilizado sistematicamente na produção e percepção (CLOPPER; PISONI, 2004; CASASANTO, 2010; CRISTÓFARO SILVA; GOMES, 2020). Com relação especificamente em relação à duração da fricativa em coda, Flege e Hillenbrandd (1986) mostraram que os falantes se baseiam no detalhe fonético experienciado em suas línguas nativas no processamento de estrutura correlata em outra língua. No estudo dos autores, falantes do francês como L1, em tarefa de identificação de itens lexicais do inglês com diferença de vozeamento da fricativa em coda, como em [pi:s] *peace* (paz) e [pi:z] *peas* (ervilhas) apresentaram mais erros na identificação de estímulos com duração menor da fricativa vozeada. Considerando dados de produção de fricativa em coda mostraram que a diferença de duração entre fricativa vozeada e desvozeada é mais acentuada no francês que no inglês. Esses resultados mostraram que os falantes de francês como L1 se basearam em pistas acústicas da distinção das fricativas vozeada e desvozeada em coda de sua língua materna para processar o mesmo contraste no inglês. Portanto, uma questão que se coloca para o objeto do estudo de Gonçalves (2019) é em que medida há variabilidade na duração da fricativa (s) em coda na produção de falantes de diferentes identidades de gênero e em que medida, se for detectada essa relação, a diferença de duração afeta a percepção da orientação sexual do falante.

Uma análise preliminar foi realizada comparando resultados da duração da coda (s) em sílaba tônica medial (visto, mesmo) e em sílaba átona final (bairros, pessoas) em dados de 2 falantes gays e 2 falantes heterossexuais, todos cariocas, a partir de dados coletados de amostras de fala espontânea, conduzidas com a metodologia da Sociolinguística Variacionista, respectivamente Amostra Identidades Cariocas, coletada para a finalidade da pesquisa de Gonçalves (2019), e Amostra Concordância (UFRJ). O Quadro 1 a seguir apresenta a distribuição das ocorrências (N) de (s) por falante para cada contexto analisado. Nota-se que não foi possível obter 20 ocorrências de coda (s) em posição tônica para o falante H1.

Quadro 1 – Distribuição de ocorrências analisadas de (S) em coda por falante

	Falante Gay	N	Falante Heterossexual	N	Total
Tônicas Mediais	G1	20	H1	13	73
	G2	20	H2	20	
Átonas Finais	G1	20	H1	20	80
	G2	20	H2	20	

Para a análise estatística dos dados de produção, foi utilizado o Pacote R (R CORE TEAM, 2020) com o objetivo de verificar as médias de duração das ocorrências da coda de cada falante em cada contexto linguístico (tonicidade e posição da sílaba na palavra) e para a verificação da significância estatística entre os valores obtidos para cada contexto em função da orientação sexual dos falantes.

Na Tabela 1, estão dispostos os resultados do teste $-t^{11}$, encontrados para os falantes com a mesma orientação sexual, nos dois contextos de coda analisados, as tônicas mediais e as átonas finais, com o objetivo de verificar se há uniformidade de comportamento entre os indivíduos do mesmo grupo.

Tabela 1 – Comparação das médias de duração da coda (s) por contexto linguístico entre falantes de mesma orientação sexual

	Graus de Liberdade	Valor-T	Significância (p)
Tônicas Mediais – Heterossexuais	27.563	2.0491	0.05008
Tônicas Mediais – Gays	31.7	-1.8073	0.08021
Átonas Finais – Heterossexuais	37.559	1.4275	0.1617
Átonas Finais – Gays	28.366	-2.3777	0.02439

Observa-se que não há diferença significativa entre as médias obtidas entre os falantes hetero, H1=0.7934754 e H2=0.6433765, entre os falantes gays, G1=0.1037787 e G2=0.87072, para as codas em sílaba medial tônica, e entre os falantes hetero, para as codas átonas finais, H1=0.09553695 e H2=0.7615155. Foi observada, no entanto, uma maior variabilidade nas médias dos 2 falantes gay no contexto coda átona final, G1=0.864885 e G2=0.1203255, sendo os valores mais altos obtidos para o falante G2. Em seguida, os dados foram agrupados para a permitir a comparação das médias obtidas de duração das codas entre os dois grupos de orientação sexual por contexto linguístico. Os resultados do t-test estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Comparação das médias de duração da coda (s) por contexto linguístico entre os 2 grupos de orientação sexual

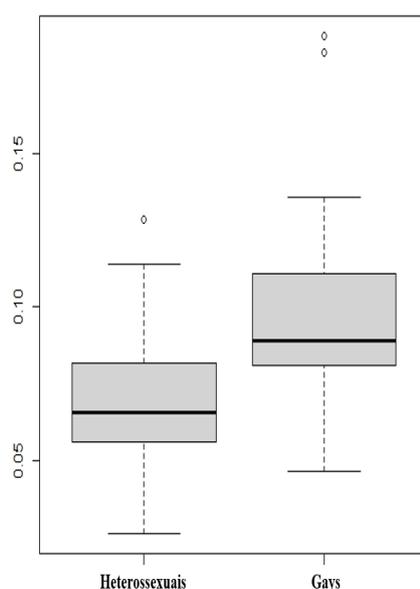
	Graus de Liberdade	Valor-T	Significância (p)
Tônicas Mediais – Heterossexuais x Gays	70.053	-4.1259	0.0001002
Átonas Finais – Heterossexuais x Gays	77.376	-1.7222	0.08903

11 O teste-t (de Student) compara duas médias e indica se as diferenças entre elas são significativas estatisticamente. No R, o Teste-t de Welch é uma adaptação do teste t de Student. Esse teste é mais confiável quando as duas amostras têm variâncias desiguais e tamanhos de amostra desiguais. O teste-t padrão do R utiliza essa variação do teste-t. P-valor abaixo de 0.05 indica que a diferença entre as médias é estatisticamente significativa.

Segundo os valores de significância encontrados, observa-se que há diferença significativa entre os valores obtidos para a duração das codas em sílaba tônica medial (heteros= 0.07025064 , gays= 0.09542536), sendo os valores maiores obtidos para os homens gays, e ausência de significância entre as médias obtidas para os dois grupos na duração das codas átonas finais (heteros= 0.08584425 , gays= 0.103407).

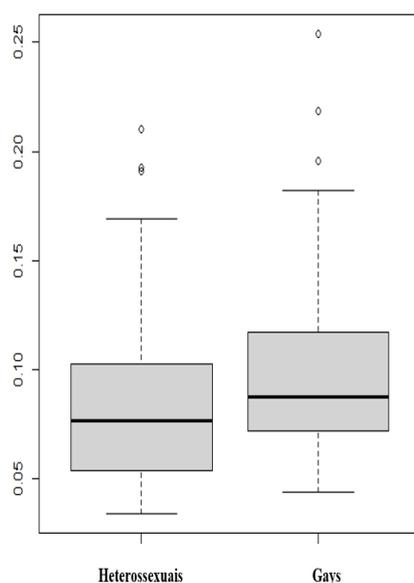
A Figura 1 a seguir apresenta os valores de duração obtidos para os dois grupos de falantes para as codas em sílaba tônica medial. Observa-se que os valores de duração maiores se concentram nos dados do grupo de falantes gays.

Figura 1 – Duração de (s) em Coda Tônica Medial por Orientação Sexual



Na Figura 2, estão dispostos os valores obtidos para as codas em posição átona final. Observa-se mais valores discrepantes nos dados dos falantes gays, relacionados principalmente ao falante G2.

Figura 2 – Duração de (s) em Coda Átona Final por Orientação Sexual



Os resultados obtidos neste estudo piloto apontam para a correlação entre duração da coda (s) e orientação sexual. No entanto, essa tendência será checada através da análise de ocorrências coletadas de 18 falantes da Amostra Identidades Cariocas e comparadas com as produções de falantes hetero da Amostra Concordância.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo principal construir uma revisão do estado da arte de estudos que abordam a indexação social de sexualidade no Brasil, principalmente daqueles que envolvem a construção de dicionários com dialetos LGBTQ+, como o pajubá/bajubá, assim como os que descrevem aspectos fonológicos/acústicos, morfológicos e sintáticos que indexam o pertencimento a um grupo especificamente LGBTQ+.

Apesar de ainda existirem poucos trabalhos sobre a indexação linguística de uma identidade gay no Brasil, a área caminha para um avanço significativo desde o início dos anos 2000. Essa reunião de trabalhos permite identificar caminhos ainda em consolidação para a investigação de dúvidas que vêm surgindo conforme as pesquisas têm sido conduzidas, sobretudo aquela relativa à indexação de identidade sexual. Os resultados do estudo piloto de Gonçalves (2019) se somam a esses estudos que, no conjunto, apontam para a necessidade de aprofundamento das questões relacionadas à relação entre variação e orientação sexual com o objetivo de responder a uma questão maior: mesmo que não exista uma única forma de se falar que soe ‘gay’ ou ‘lésbica’ ou ‘bissexual’, ou mesmo ‘hetero’, quais são as pistas linguísticas que, de alguma forma, indexam a orientação sexual dos falantes?

REFERÊNCIAS

BARBUIO, E. *Percepção da orientação sexual de homens gays e heterossexuais por meio de características acústicas da fala. João Pessoa: UFPB, 2016.* Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Linguística – João Pessoa, 2016, 137p.

BRAGA JUNIOR, S. J. L. *O jargão LGBTQ em Rupaul's Drag Race traduzido e legendado por fãs: um estudo baseado em corpus. Fortaleza: UFCE, 2020.* Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – Fortaleza, 2020, 96p.

CASASANTO, L. S. What do Listeners Know about Sociolinguistic Variation? *UPenn Working Papers in Linguistics: Selected Papers from NAW 37*, n. 15, v. 2, p. 38-49, 2010.

CHESEBRO, J. W. *Gayspeak: Gay male & lesbian communication.* The Pilgrim Press, 132 West 31 St., New York, NY 10001, 1981.

- CLOPPER, C. G.; PISONI, D. B. Some acoustic cues for the perceptual categorization of American English regional dialects. *Journal of Phonetics* v. 32, p. 111-40, 2004.
- CRIST, S. Duration of onset consonants in gay male stereotyped speech. *U. Penn Working Papers in Linguistics*, Volume 4. 3, 1997.
- CRISTÓFARO SILVA, T.; GOMES, C. A. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos. In: Gomes, C. A (org.). *Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos: para além da dicotomia natureza/cultura na ciência linguística*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 13-36.
- CRISTÓFARO SILVA, T.; SEARA, I.; SILVA, A.; RAUBER, A.; CANTONI, M. M. *Fonética Acústica: os sons do português brasileiro*. 1.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019. 272p.
- ECKERT, P.; LABOV, W. Phonetics, phonology and social meaning. *Journal of sociolinguistics*, v. 21, n. 4, p. 467-496, 2017.
- FELIX, R. de A. A. *Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma discussão sociolinguística. Araraquara: UNESP, 2016*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual Paulista —Júlio de Mesquita Filho. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa – Araraquara, 2016, 97p.
- FLEGE, J. E.; HILLENBRAND, J. Differential use of temporal cues to the /s/- /z/ contrast by native and non-native speakers of English. *Journal of the Acoustical Society of America*, v. 79, n.2, 1986, pp. 508-17.
- FRY, P. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- GONÇALVES, D. T. Indexação social da sexualidade de falantes gays cariocas. IN: *I Fórum Internacional de Sociolinguística*, 1., 2019, Rio de Janeiro. Caderno de Resumos, Rio de Janeiro, 2019, p. 213-214.
- HAYES, J. J. Gayspeak. *Quarterly Journal of Speech*, v. 62, n. 3, p. 256-266, 1976.
- KULICK, D. Gay and lesbian language. *Annual review of anthropology*, v. 29, n. 1, p. 243-285, 2000.
- LABOV, W. The social motivation of a sound change. *Word*, v. 19, n. 3, p. 273-309, 1963.
- LAMBERT, W. E., HODGSON, R. C., GARDNER, R. C., & FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 60(1), 44, 1960.
- LAU, H. D. Será que toda “mona” fala “bichês”? A questão da linguagem e identidade da comunidade LGBT. *Temática*, v. 13, n. 3, p. 160-174, mar. 2017.

LEAP, W. (ed.). *Beyond the lavender lexicon: Authenticity, imagination, and appropriation in lesbian and gay languages*. Routledge, 1995.

LEVON, E. Hearing gay: Prosody, interpretation and the affective judgments of men's speech. *American Speech* 81 (1): 56-78, 2006.

LINVILLE, S. E. Acoustic correlates of perceived versus actual sexual orientation in men's speech. *Folia Phoniactrica et Logopaedica*, 50, 35–48, 1998.

LUMBY, M. E. Homophobia: The quest for a valid scale. *Journal of Homosexuality*, v. 2, n. 1, p. 39-48, 1976.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. *Revista Linguística*, v. 8, n. 1, 2012.

MENDES, R. B. *Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de/e/nasal*. São Paulo: USP, 2018. Tese de Doutorado. Tese de Livre Docência. 225f. Universidade de São Paulo, 2018.

MORAES, J. A. de. À propos des marques prosodiques du style effeminé em portugais brésilien. IN: FONAGY, I.; PERROT, Jean. *Polyphonie pour Ivan Fonagy*. Editions L'Harmattan, 1997.

MOURA, J. R. F. de. *Da sombra às cores: análise discursiva do dicionário LGBTs Aurélia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Rio de Janeiro, 2018, 148p.

OLIVEIRA, R. G. de. *A variação articulatória em libras e a orientação sexual do surdo: estudo sobre captura de movimentos e percepção linguística*. São Paulo: USP, 2017. Tese de Doutorado (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral – Rio de Janeiro, 2017, 316p.

PERES, N. da C. *Uso e apropriação do Pajubá na construção de uma identidade LGBT*. Jaraguá: UNIPAMPA, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Pampa, Campus de Jaguarão, 2017.

PONTE, M. R. Life in a parking lot: An ethnography of a homosexual drive-in.. In *Deviance: Field Studies and Self-Disclosures*, Edited by: Jacobs, Jerry. 7–29. Palo Alto: National Press, 1974.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2020. URL <https://www.R-project.org/>.

RIBEIRO, A. B. O. *Usos linguísticos de lésbicas e de gays: questões de identidade e estilo*. Florianópolis: UFSC, 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Florianópolis, 2020, 157p.

- RINGER, R. J. (ed.). *Queer words, queer images: Communication and the construction of homosexuality*. NYU Press, 1994.
- SANTANA, W. P. da S. Variação de gênero gramatical como indexador de identidade gay. *Florianópolis: UFSC, 2018*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística – Florianópolis, 2018, 112p.
- SCIPPE, V. A.; LIBI, F. *Aurélia - A Dicionária da Língua Afiada*. São Paulo: Editora da Bispa, 2006. Disponível em: <<https://groups.google.com/forum/#!topic/liesfi/enjGWax4bxA>>. Acesso em: 07 nov. 2020.
- SILVA FILHO, M. R. De Bajubá em Bajubá, onde será que vai dar? apropriações, classificações e relações de poder em Belém-PA. In: *II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte*, 2010, Belém. CD Virtual da II SBS Norte, 2010.
- SILVA, D. I. S. C. da; SANTOS, O. J. S. dos. Semântica, Gênero e sexualidade: o conceito dos pajubás da comunidade LGBT. *Revista Magistro*, v. 2, n. 16, 2017.
- SONENSCHIN D. The homosexual's language. *J. Sex Res.* 5(4):281–91, 1969.
- VIP, A; LIBI, F. *Aurélia, a Dicionária da Língua Afiada*. Editora do Bispo: São Paulo, 2006, 143p.
- WEBBINK, P. Nonverbal behavior and lesbian/gay orientation. In: *Gender and nonverbal behavior*. Springer, New York, NY, 1981. p. 253-259.